
QUANDO EU FUI DIFERENTE? ENSAIANDO INTERCESSÕES ENTRE IDENTIDADE, DIFERENÇA E CORPO NA SALA DE AULA

Marcos Allan da Silva Linhares¹
Luísa Pereira Ribeiro²
Keyme Gomes Lourenço³

Resumo: O presente relato de experiência, escrito ao modo de um ensaio, tem como objetivo tecer intercessões entre as noções de identidade, diferença e corpo a partir de uma ação desenvolvida em sala de aula com a pergunta “quando fui diferente?”. A pergunta foi respondida por estudantes através de textos e desenhos que perpassam pelas questões corporais na escola objetivando problematizar e analisar os enunciados discursivos que produzem um “corpo diferente” no ambiente escolar. Para a análise desses enunciados vamos tomar de empréstimo as ferramentas analíticas do filósofo Michel Foucault, principalmente a análise do discurso, por acreditarmos que os discursos são conjuntos de enunciados que se apoiam mutuamente e que juntos formam uma rede discursiva que define uma série de condições de existência para os sujeitos que o cercam. Para isso traremos à baila os textos e imagens-desenhos produzidos pelos estudantes. Aqui as imagens também se constituem como importantes fontes de produtividade discursiva, principalmente por considerarmos as imagens como enunciados que têm um lugar institucional de fala, de onde produz seus estatutos e rituais em relações de poder e saber. Com as aulas de Ciências apresentamos aos estudantes uma variedade de perspectivas e conhecimentos sobre o mundo. Entendemos como isso é fundamental para compreender a diversidade biológica e a importância de preservar toda essa pluralidade. E ao incluirmos nos conteúdos científicos diferentes perspectivas culturais sobre esses temas os estudantes podem desenvolver uma compreensão mais profunda, abrangente e crítica dos assuntos abordados.

Palavras-chave: Identidade; Diferença; Corpo; Ensino de Ciências; Análise do Discurso.

WHEN WAS I DIFFERENT? TESTING INTERCESSIONS BETWEEN IDENTITY, DIFFERENCE AND BODY IN THE CLASSROOM

Abstract: This experience report, written as an essay, aims to weave intersections between the notions of identity, difference and body from an action developed in the classroom with the question “when was I different?”, answered by students through texts and drawings and that pervade bodily issues at school. We aim to problematize and analyze the discursive statements that produce a “different body” in the school environment. For the analysis of these utterances, we will borrow the analytical tools of the philosopher Michel Foucault, mainly discourse analysis, as we believe that discourses are sets of utterances that support each other and that together form a discursive network that defines a series of conditions of existence. for the people around him. For this, we will bring up the texts and images-drawings produced by the students. Here, images also constitute an important source of discursive productivity, mainly because we consider images as utterances that have an institutional place of speech, from which they produce their statutes and rituals in relations of power and knowledge. Science classes introduce students to a variety of perspectives and knowledge about the world. We understand how fundamental this is to understand biological diversity and the importance of preserving all this plurality. And by including different cultural perspectives on these topics in scientific content, students can develop a deeper, broader and more critical understanding of the issues addressed.

Keywords: Identity; Difference; Body; Science teaching; Speech analysis.

¹ Mestre em Educação em Ciências e Matemáticas pela Universidade Federal do Pará (PPGECM/UFPA). Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU). E-mail: marcos.linhares@ufu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9153-3977>

² Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pedagoga pela mesma instituição (PPGED/UFU). E-mail: luisapereiraribeiro97@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6411-6059>

³ Mestre e Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU). E-mail: keymelourenco@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6516-6931>

1 QUANDO EU FUI DIFERENTE?

Inauguramos essa escrita com a mesma pergunta lançada em sala de aula de uma turma de 6º ano na semana da conscientização ao autismo em uma escola de ensino privado da região de Bragança no Pará. Era dada aos professores a tarefa de discutir o autismo (e a diferença) com os alunos, abordando questões relacionadas à conscientização, sensibilização, formas de evitar bullying e preconceitos com os colegas que apresentavam deficiências, entre outros. E em meio a tantas formas de abordar a temática, uma pergunta despontou no quadro: *quando eu fui diferente?*

Quais as respostas despontaram dessa indagação? Quais incômodos iriam pairar sobre a sala e quais atravessamentos seriam construídos em uma pergunta que a primeiro momento seria simples, mas que convergia em falar sobre diferentes esferas e perspectivas da vida? Existe uma forma certa de dizer quando eu fui diferente? Seria interessante assumir a diferença na frente dos colegas e do professor? Será que eu iria sofrer preconceito por dizer que eu já fui diferente alguma vez na minha vida? Mesmo com tantos receios e aflições: deveio possibilidades! A resposta poderia vir em pequenos parágrafos, palavras-chave, desenhos ou qualquer linguagem que desse voz a algum momento em que fomos diferentes, independentemente de qualquer deficiência específica discutida naquela semana.

Muitas palavras-frases-contos foram ditas-escritas-esboçadas em meio ao bloqueio de parecer “estranho” e “anormal” frente aos colegas. Alguns estudantes não quiseram compartilhar o que escreveram, outros nem sequer tocaram o lápis no papel. Mas muitos outros alunos se sentiram à vontade para descrever algum momento em que foi difícil, ou não, ser diferente.

Com as leituras de Hall (2006) entendemos que a identidade produz fragmentações, distanciamentos, mudanças nas estruturas sociais e se torna uma questão, principalmente quando se é posta em crise, quando algo que é considerado “fixo” passa a ser deslocado de sua certeza (HALL, 2006). O mesmo acontece ao pensarmos tal conceito relacionando-o com a questão do corpo quando nos perguntamos quando fomos diferentes em algum momento de nossas vidas... se fecharmos os olhos, logo relembramos momentos em que o corpo, em toda a sua superfície, foi posto em xeque e marcou o lugar da diferença (e conseqüentemente da identidade).

É quase impossível falar de diferença/identidade ou de quando ‘eu fui diferente’ sem citar o corpo. Suas projeções sociais, culturais e também discursivas permanecem ativas e vivas, principalmente na atualidade em que vivemos onde cada vez mais os jovens estão insatisfeitos com o seu corpo⁴ ou acabam construindo imagens corporais distorcidas, que não atendem os “padrões” propagados e reproduzidos pelas mídias, pelos *influencers* sociais e pelas próprias escolas.

⁴ “62% das crianças e adolescentes estão insatisfeitos com o corpo”. Disponível em: <https://portal.aprendiz.uol.com.br/content/62-de-criancas-e-adolescentes-estao-insatisfeitos-com-o-corpo>.

Já dizia Foucault (1979) em sua célebre frase que “o corpo é superfície de inscrição dos acontecimentos”, marca da linguagem, dos discursos, “lugar de dissociação do Eu”, ponto de articulação com a história, campo em que diversas linhas atravessam, desejam, lutam para fazer morada. Não temos como fugir do corpo quando fazemos a intercessão identidade-diferença-corpo-escola. São elos de ligação que quase sempre aparecem juntos nos movimentando diversas questões a serem discutidas e pensadas.

Também a escola é campo fértil e ao mesmo tempo minado para discutir essa intercessão, haja vista que o ambiente escolar, assim como outras instituições de poder como a prisão, os hospitais, os ambientes de trabalho também se fundamentam em uma estrutura de poder que vigiam a vida cotidiana imediata, classificando os indivíduos em categorias de identidades sociais padronizadas (FOUCAULT, 2006).

Para o autor, a identidade só nos é útil quando a utilizamos em relações, sejam elas de amizade, sociais, sexuais, mas a partir do momento em que usamos a identidade enquanto lei, princípio ou código universal de existência, retorna-se a uma ética tradicional e de normalização. Foucault nos incentiva a construir laços com a nossa própria existência em que as relações íntimas e pessoais não estejam aprisionadas às questões identitárias e as suas representações, mas ao contrário, que sejam pontes de criação, liberdade, inovação e diferenciação (FOUCAULT, 2004).

Para a discussão há também a importante contribuição de Guacira Lopes Louro, historiadora brasileira que afirma que “os corpos são significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados” (LOURO, 2000, p. 14). A autora acrescenta que a tentativa de ditar certa identidade, atua como um processo já previamente estruturado e pensado por uma sociedade, como uma forma de conservar o *status quo*.

Louro, em seu livro *Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade* aborda extensivamente a importância do ambiente escolar ao tratar-se da estilização dos corpos. Ela critica a noção de que “todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma.” (p. 5). Tratando das questões de corpo, gênero e sexualidade, Guacira aponta entendimentos valiosos para a compreensão do corpo construído social e culturalmente.

Através de processos culturais, definimos o que é — ou não — natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade — das formas de expressar os desejos e prazeres — também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade. (LOURO, 2000, p. 6)

Essas relações sociais de que tanto fala Louro (2000) são constantemente (re)significadas na escola e atravessadas por discursos que, como comenta a autora, inscrevem nos corpos femininos e masculinos marcas e formas/fôrmas de como devem ser e como devem se portar nos ambientes sociais. Quando isso ultrapassa a dita “norma” vemos aparecer a diferença, na qual a disciplina, a regulação dos comportamentos, o autocuidado com os corpos são reiteradamente reforçados, principalmente na escola enquanto um dos grandes componentes culturais de uma sociedade.

Dessa forma pensar na intercessão corpo-identidade-diferença-escola é jogar em um campo minado, principalmente por conta de as identidades constituírem-se como múltiplas e distintas, exigindo dos sujeitos que as constituem esforços, sacrifícios, contradições e mudanças que podem servir para determinadas “normas” e momentos, mas que podem futuramente serem descartadas e transacionadas pelo caráter produtivo dos discursos que falam sobre os corpos (LOURO, 2000).

Além disso, impulsionados pelo trabalho de Bastos e colaboradores (2021), acreditamos que esse relato-ensaio também sirva como algo potente para pensarmos sobre nossa ação docente e em como, por meio dos conteúdos, falas e materiais que utilizamos em sala de aula para ensinar acabamos por vir a reforçar e a manter estereótipos de corpos “perfeitos” e “diferentes”. Quais corpos temos ensinado, em nossas aulas de Ciências, que são doentes e saudáveis? Desejáveis e diferentes? Normais e anormais? Que se encaixam ou não nos padrões?

Assim, esse relato de experiência, escrito ao modo de um ensaio, tem como objetivo tecer intercessões entre as noções de identidade, diferença e corpo a partir de uma ação desenvolvida em sala de aula com a pergunta “**quando fui diferente?**”, respondida pelos estudantes através de textos/desenhos e que perpassam pelas questões corporais na escola. Objetivamos problematizar e analisar os enunciados discursivos que produzem um “corpo diferente” no ambiente escolar, a fim de perceber e dar passagem à multiplicidade de vidas que emergem quando nos propomos a discutir questões relacionadas à diferença e a corporeidade em sala de aula.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Como já mencionado acima nos debruçamos sobre os materiais produzidos em uma aula-experiência temática sobre a semana de conscientização do autismo em que trabalhamos com a questão “*quando eu fui diferente?*” para que os alunos do 6º ano do ensino fundamental II pudessem refletir sobre suas memórias e vivências pessoais, respondendo à pergunta sobre as mais diversas formas: textos, palavras-chave, desenhos, entre outras.

As modalidades mais trabalhadas pelos discentes restringiram-se ao texto e às imagens/desenhos que trouxeram consigo uma onda de relatos, sentimentos e sensações diversas ao que se diz sobre o “diferente” e o corpo. Nesse texto, de forma especial, focaremos nas materialidades que dizem sobre o corpo e a diferença, mas é importante ressaltar que diversas outras

questões foram abordadas pelos estudantes, entre elas a diferença como algo positivo como quando se ganha um prêmio ou um elogio como o silêncio, que também nos diz e mostra o lugar que o corpo deve ocupar em alguns momentos de discussão.

Acreditamos que discutir esses materiais “se configuram como parte de uma eficiente maquinaria de produção de identidades” (BASTOS *et al.*; 2021), principalmente por serem trechos de histórias vivenciadas pelos estudantes e que perpassam seus corpos, deixam cicatrizes e marcas, produzem neles como um corpo “diferente” é, marcando a diferença que chega até nós através dos materiais produzidos no encontro.

Pensamos em ver como o corpo “diferente” aparece nessas produções, quais características culturais, biológicas, sociais e anatômicas marcam ou oferecem “sinais” para percebermos quando alguém se sentiu “diferente” em algum momento de sua vida e assim, quem sabe, problematizar as formas pelas quais esses sujeitos, mesmo tão jovens, se auto constroem e são construídos pelos discursos em um ideal de corpo “perfeito-padrão-normal”.

Para a análise desses enunciados vamos tomar de empréstimo as ferramentas analíticas do filósofo Michel Foucault, principalmente a análise do discurso por acreditarmos que os discursos são conjuntos de enunciados que se apoiam mutuamente e que juntos formam uma rede discursiva que define uma série de condições de existência para os sujeitos que o cercam (FOUCAULT, 2007). Por exemplo, os discursos que aparecem nas materialidades feitas pelos alunos são constituídos de micropoderes, enunciados que vêm de outros campos discursivos e que juntos formam uma rede maior que fala sobre o corpo como a mídia, a família, os livros didáticos, entre outros.

Os discursos, para além de sua realidade material (pronunciada ou escrita), conjura poderes, perigos, desejos, supõe lutas, dominações, servidões que produzem os sujeitos que o atravessam, é através dos discursos que a prática discursiva pode ser operada, agindo como um conjunto de regras históricas, anônimas, espaciais e temporais que definem, em um determinado momento, localização e tempo o exercício da função enunciativa (FOUCAULT, 2009; FOUCAULT, 2007).

Distantes de uma noção de origem dos discursos sobre o corpo “diferente” na escola, procuramos fazer ver os laços que se desfazem quando colocamos em suspenso os enunciados que por tanto tempo consideramos “normais” e fixos. Fazendo aparecer assim as regras que constituem esses discursos, suas estratégias, produções e práticas que formam sistematicamente os sujeitos de que falam (FOUCAULT, 2007).

Para isso traremos à baila os textos e imagens-desenhos produzidos pelos estudantes. Aqui as imagens também se constituem como importantes fonte de produtividade discursiva, principalmente por considerarmos as imagens como enunciados, ou seja, por possuírem “um lugar institucional de fala, de onde produzem seus estatutos e rituais em relações de poder e saber” (OLIVEIRA, 2016). Assim as imagens também reproduzem os discursos aos quais os alunos estão

enredados, circulando nas instituições repetidas vezes e (re)afirmando o lugar e a forma do corpo dito “diferente”.

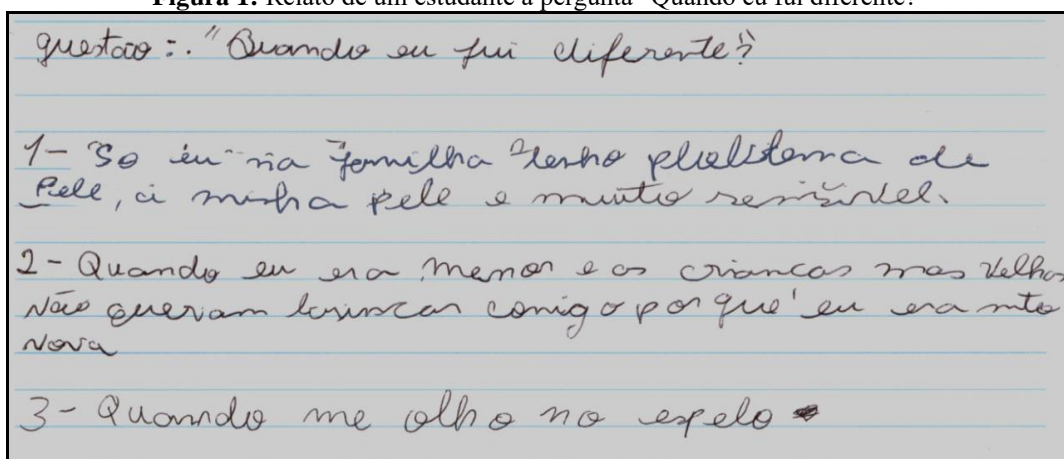
3 QUANDO EU FUI DIFERENTE? QUANDO ME OLHEI NO ESPELHO

Existe algo que escapa à norma e aos códigos. Essa dimensão esquiva é aquela que a mim, enquanto escritor, mais me fascina [...], que não apenas nomeia mas que inventa e produz encantamento. (Mia Couto)

Mia Couto nos faz pensar sobre o que escapa. Aquilo que extravasa às nomeações, aos códigos, às classificações hegemônicas. E com ele também nos propomos a pensar em todas as dimensões esquivas e que fogem às normas presentes em sala de aula. Como elas nos afetam enquanto professores de Ciências? Será que produzem encantamentos em nós e/ou modificam as nossas práticas? Que valores, posições e prioridades temos dado para as multiplicidades de corpos que estão presentes em nossos espaços escolares? Quais espaços temos construído para que possamos discutir e problematizar as questões de corpo que tanto nos produzem e nos enredam?

Iniciamos essa seção com uma das respostas que despontaram da pergunta que nomeia a aula-experiência que conduzimos: *Quando eu fui diferente? Quando eu me olhei no espelho!* Com faixa etária entre 10 e 12 anos essa é uma das respostas de pré-adolescentes à questão levantada em sala. O que o espelho revela e que chega como um atravessamento doloroso a esses sujeitos? Até quando olhar para o espelho e ver a imagem refletida do próprio corpo vai continuar sendo a sensação de se sentir diferente?

Figura 1: Relato de um estudante a pergunta “Quando eu fui diferente?”



Fonte: Elaboração própria dos alunos a partir da aula-experiência.

Olhar-se no espelho tem sido uma tarefa difícil, principalmente quando se coloca em questão o corpo frente ao sujeito, a sua materialidade frente aos discursos e aos estereótipos sobre como devemos ser e manter nossos corpos. “Os debates sobre as ‘autênticas’ identidades são sempre

escorregadios” (COUTO, 2011, p. 34) e incessantemente continuam agindo em nossos corpos deixando marcas, cicatrizes e mudanças.

Essa forma de poder incide sobre a vida cotidiana, sobre nossos corpos, nossas maneiras de estar no mundo e com o mundo. Foucault (2006) nos mostra que a identidade normalizadora dos corpos nos chega como uma lei de “verdade” que nos é imposta, transformando os indivíduos em sujeitos, nos designando em categorias e fazendo com que desejemos nos reconhecer nessas identidades “*prêt-à-porter*”.

As identidades “*prêt-à-porter*” são próteses, apoios, figuras centrais de identidade que acabam por serem glamourizadas e protegidas dos estremecimentos das forças que pulverizam subjetividades. Acabam por durar pouco pois os indivíduos que a consomem são “falsos-selfs” estereotipados e vulneráveis seduzidos pela esperança de se reconhecerem em alguma órbita social (ROLNIK, 1996).

Para além disso, faz-se necessário o entendimento de que o corpo dos estudantes é foco da aplicação de uma disciplina rígida e direcionada, como afirma Louro (2000), ao falar sobre o caráter produtivo das instituições escolares de suprimir as discussões acerca da sexualidade, do corpo e da construção da identidade, focando na disciplinarização dos corpos.

A escola como um dos importantes ambientes de convívio das crianças e adolescentes representa uma forte influência nas construções e vivências destes, sendo essencial entender que “historicamente, os sujeitos tornam-se conscientes de seus corpos na medida em que há um investimento disciplinar sobre ele” (LOURO, 2000, p. 23-24). Entendemos que a escola, para além da família, é um dos primeiros locais de convívio das crianças e adolescentes e, em função disso, é muito marcante no processo de construção dos corpos (muitas vezes entendidos como lugares de investimentos). Como Louro (2000) reitera “o investimento de base da escolarização se dirigia para o que era substantivo: para a formação de homens e mulheres ‘de verdade’”.

Nesse sentido entendemos que a escola, apesar de conviver com as diferenças, investe na padronização dos corpos e identidades através de inúmeras materialidades como os próprios livros didáticos, os conteúdos de Ciências e as práticas sobre como ensinamos (ou tentamos ensinar) a diferença/diferente em nossas aulas.

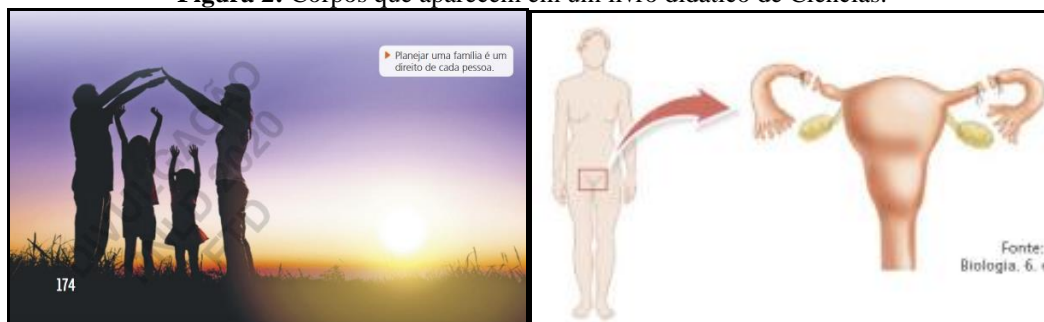
Seguindo ainda nessa discussão as autoras Sarraf e Bastos (2017, p. 4) no texto “Magra e Feliz: Lições de beleza da revista sou mais eu!” nos mostram como o corpo tomou conta do nosso imaginário como nunca antes “conquistando práticas e discursos, definindo normas de comportamento, regulando nossas práticas cotidianas e determinando padrões de inclusão e exclusão”.

As autoras, através da análise de revistas semanais “Sou mais Eu!”, discutem e problematizam como esse imaginário de um corpo “perfeito” aparece na mídia impressa (e não só

nela!), demarcando a fronteira entre o normal e anormal, entre o desejável e o indesejável, entre a identidade “padrão” e a diferença que não quer ser vista no espelho, ou melhor, a diferença que nem sequer pode existir em nossos dias.

Ainda são as mesmas autoras que nos alertam para as discussões que devemos tecer sobre aquilo que ensinamos em sala de aula. Se uma vez que esses alunos nos dizem quais características em seus próprios corpos são diferentes, qual é o corpo que ensinamos nas escolas e pouco tem a ver com o corpo que circula dentro dela? (SARRAF; BASTOS, 2017)

Figura 2: Corpos que aparecem em um livro didático de Ciências.



Fonte: Ciências, vida & universo: 8º ano - anos finais (GODOY, 2018).

Conseguimos ver nos livros didáticos de Ciências (Figura 2) que o corpo que se mostra é fragmentado, magro, branco (rosáceo), esguio, por vezes aparece aos pedaços e pouco revela a diversidade de vida que ocupam diferentes formas e fôrmas em nossas salas de aula. Reforçamos junto com Giorgi (2016) quando o autor comenta que a biopolítica se constitui justamente a partir de uma gestão dos corpos e da vida, principalmente sobre o controle e o disciplinamento que produzem normas de vida que tornam reconhecível o sujeito humano: seja magra, mas não demais; cuidado com a barriga; não tenha um cabelo “juba de leão”... normas que os nossos alunos nos contaram a partir da aula-experiência.

O que contamos como vida ensinável no ensino de Ciências? Como temos traçado distinções entre *vidas por ensinar* (e falar!) e *vidas por abandonar* (e invisibilizar!) em nossas aulas? Quais corpos fazemos viver em nosso cotidiano escolar e quais corpos reservamos para a coisificação, invisibilização, abandono, sacrifício? Que corpos e que formas de vida não expressam essa plenitude do vivente e representam um decréscimo da potência vital ou diretamente uma ameaça? (GIORGI, 2016)

Dessa maneira, toda uma invenção em torno do “corpo ideal” é criada, não só na escola, mas nas diversas mídias, nas famílias, nas instituições hospitalares e religiosas. Assim responder a pergunta “quando eu fui diferente?” na maioria das vezes recai em questões corporais no que se refere à beleza, à aparência ou à própria anatomia que não responde às identidades que se circulam sobre como um corpo deve ser.

É o que Gregolin (2007) chama de efeitos de sentido, ou seja, quando variados discursos sobre um mesmo objeto identitário acabam por criar uma teia, uma malha ou uma rede discursiva que cria uma ilusão de “unidade” sobre determinadas práticas. Falar sobre o corpo na escola recai então não somente no que diz os currículos e as políticas educacionais, mas sobre o que dispersa a mídia, os livros, as músicas, os noticiários, as novelas, entre outros.

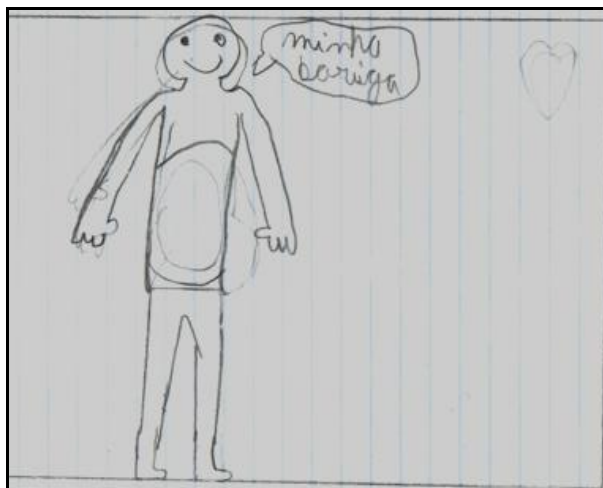
Uma história do presente que acaba sendo construída cotidianamente e instantaneamente por diversas instâncias como as já mencionadas acima, promovendo movimentos de interpretação, retomadas de sentido, deslocamentos, efeitos identitários que chegam até os alunos e que incessantemente lutam, se confrontam, se digladiam e se envolvem em batalhas em torno de uma referência de identidade considerada “normal” (GREGOLIN, 2007).

Assim muitos alunos relatam que foram diferentes quando “falavam da minha orelha ser muito grande”, quando o cabelo era “juba de leão”, quando a barriga era diferente, quando “era muito magra até demais”, quando “sou feio e gordo” (Figura 3).

Figura 3: Relatos e desenhos de diversos estudantes a pergunta “Quando eu fui diferente?”.

R= Quando os meus tios falavam da minha orelha ser muito grande eu sabia que era boba e mais eu não gostava por mais que fosse boba e mais.

A diferença.
 Nós somos diferentes nós, sendo seres humanos, tem pessoas que tem dificuldade para aprender e outras não. Eu me sinto diferente, eu tenho um pouco de dificuldade para aprender, e sou feio e gordo e já sofri bullying por causa disso e sei lá ainda me sinto diferente.



Fonte: Elaboração própria dos alunos a partir da aula-experiência.

A partir da leitura dos excertos acima retirados das respostas dos estudantes e de algumas outras na forma de imagens é possível notar que muito se discute sobre o corpo, principalmente quando o associamos com o ser-diferente e a uma norma que precisa ser seguida. O corpo gordo, o magro demais, aqueles que apresentam muitos cabelos, entre outros mostram que o corpo está envolto em uma estratégia biopolítica, desvinculados na maioria das vezes de uma imagem de “normalidade” e beleza.

Para Foucault (1998) a biopolítica é um poder que se encarrega da vida, da disciplinarização dos corpos e da regulação das populações, é um biopoder como chama. Para o filósofo esse biopoder conta uma biohistória que é sempre produzida pela norma e que com contínuos mecanismos reguladores-corretivos procura colocar os vivos em domínio de valor e utilidade.

É possível pensarmos a biopolítica como um poder que tem a natureza de qualificar, medir, avaliar, hierarquizar, operando distribuições em torno da norma (FOUCAULT, 1998) que é a identidade considerada “válida” e “aceita” nas instituições sociais como a escola. E a atividade desenvolvida nesta aula-experiência foi uma pequena fresta em que pudemos observar que muita coisa ultrapassa essa norma, extravasa-a ou nem chega até ela, mostrando a vida como ela é, distante de normatizações e de desejos padronizados sobre como os corpos devem ser.

Ao afirmarmos uma identidade enquanto norma, automaticamente demarcamos suas fronteiras e implicamos uma disputa de formas para representa-la. A partir disso despontam-se imagens estereotipadas, personagens caricatos, histórias que reforçam preconceitos e que constroem um caminho para reconhecer-se nessa identidade (LOURO, 2001).

Se olharmos para os desenhos dos alunos produzidos na aula-experiência notamos o quanto esse reconhecimento constantemente acontece ao olharem para si e para as suas existências naquele espaço é de imediato o desejo de evidenciar as “diferenças” que encontram no corpo (e não somente nele) a possibilidade de emergir.

A “brincadeira”, o bullying e as conversas informais fazem aparecer e destacar aquilo que já aparecem em outras materialidades, a demarcação da identidade e da diferença no corpo e pelo corpo. Tudo atravessa o corpo, principalmente quando se ensina ciências e biologia. A escola e a ciência privilegiam algumas narrativas em detrimento de outras, algumas ganham destaque, são hegemônicas nesse espaço, enquanto outras são silenciadas e excluídas para que se possa falar sobre o que é “verdadeiro”. Constrói-se uma “realidade” biológica que institui discursos e mantém práticas que se utilizam da ciência para segregar e excluir os corpos que escapam na escola (FREITAS; CHAVES, 2013).

Usando justificativas biológicas como os genes, os gêneros, os hormônios, entre outros constantemente ensinamos que o volume da barriga precisa ser contido por não ser “saudável”; que

as orelhas grandes são “defeitos” genéticos e que a dificuldade de aprender está contida no nosso cérebro. As ciências biológicas também reforçam esses estigmas, principalmente ao ensinarmos esses conteúdos sem nenhum tipo de cuidado e atenção a priori.

Discutir essas questões no espaço escolar, no entanto, nos oferece a possibilidade de romper com esses discursos homogêneos e normalizadores, nos fazendo pensar e ultrapassar aquilo que nos chega como algo fixo, dado e normal. Ao ler os relatos e desenhos é possível fazer ver o invisível, aquilo que não encontra espaço para ser dito em voz alta, mas que é do nível do sensível e que nos ensina que a potência da vida precisa e pode atravessar e modificar nossos gestos e práticas enquanto professores.

Propomos e desejamos uma prática docente em que seja possível falar sobre corpo, medo, identidades, diferenças, sonhos, desejos... não somente em uma ação de sensibilização ao dia nacional do autismo, mas cotidianamente para que assim nossos alunos possam encontrar espaços para se afirmarem, e se afirmarem não somente enquanto identidades, mas enquanto força criativa (FOUCAULT, 2004). Forças que se modificam a todo instante, que produzem corpos que não precisam ser os mesmos, que entendam que é chato assumir sempre a mesma forma/fôrma e que não existe regra para (re)existir no mundo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A convivência de todos os tipos de corpos nos espaços escolares é fundamental para garantir viva a diferença neste espaço. É importante que tanto a escola quanto as aulas sejam pensadas para atender aquilo que é próprio de cada um dos alunos. São esses corpos diferentes na sala de aula, resistindo o tempo todo, a potência para romper os estereótipos e as normas sociais impostas sobre o que é considerado "padrão" ou "ideal". E isso pode ajudar a promover a aceitação e a autoestima entre os estudantes.

A educação desempenha um papel importante ao provocar na inclusão de corpos ditos diferentes à sociabilização com diversos outros corpos. Os desenhos e os textos produzidos na aula-experiência por exemplo nos mostram o quanto é importante falar e discutir essas questões que por vezes são silenciadas e ocultas da prática pedagógica, colocando também nosso fazer docente em uma posição de saída, de constante mutação e sensibilização.

Corpo, escola, diferença,
diversidade, identidade, educação
tudo se une

Para construir uma sociedade justa e igual?

Nos corpos, a escola vive diferenças

Na diversidade é que há a beleza
A identidade de cada um é única
Pela educação aprendemos a resistir
Na diferença, na diversidade
E também a planejar uma sociedade outra
Onde todos possam ser quem são, sem medo ou vergonha.

A diversidade cultural, étnica, de vidas, de modos, de corpos, de seres, de vontades e... constituem aquilo que é próprio da sociedade atual e também do espaço escolar: uma mistura diversa, múltipla que ao mesmo tempo que é coletiva, também é única. Pensar as multiplicidades no espaço escolar é importante para garantir o direito à diferença e diversidade entre os estudantes e pode ser particularmente valioso quando pensado junto a disciplinas como Ciências e Biologia.

As aulas de Ciências e as ações escolares como a descrita nesse texto são um exemplo de como podemos apresentar aos estudantes uma variedade de perspectivas e conhecimentos sobre o mundo e sobre si mesmos, não se restringindo o diálogo somente a área das ciências naturais, mas podendo ser possível a construção de pontes entre diferentes saberes para que assim falar sobre diferença não seja um assunto “tabu” ou polêmico.

Entendemos como isso é fundamental para compreender a diversidade biológica e a importância de preservar toda essa pluralidade. E ao incluirmos nos conteúdos científicos diferentes perspectivas culturais sobre esses temas os estudantes podem desenvolver uma compreensão mais profunda, abrangente e crítica dos assuntos abordados.

Qual a potência de pensarmos a diferença permeando áreas outras como a de Ciências e Biologia, onde muitas vezes há uma tendência a perpetuar ideias equivocadas sobre determinadas culturas ou grupos étnicos? Pensar a diferença como algo constituinte das disciplinas escolares também pode contribuir para a formação de indivíduos mais tolerantes e abertos ao diálogo. Isso é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Ao trabalhar com estudantes de diferentes formas e fôrmis de corpos, por meio das aulas de Ciências, podemos incentivar a valorização da diversidade e a construção de pontes frutíferas entre as pessoas.

Quando eu fui diferente?
Não sei ao certo, mas sei que sempre fui
Uma nota dissonante em um mundo harmônico
Um corpo estranho em um espaço padronizado
Eu fui diferente
Quando a escola me ensinou

A me encaixar em uma moldura,
A ser igual aos outros,
Mas eu me recusei a me conformar
Eu queria ser livre, ser eu mesmo
Fui diferente,
Quando meus sonhos não se alinhavam com os dos meus colegas
Eu queria voar alto
Eles queriam seguir caminhos já trilhados
Eu queria criar os meus
Fui diferente quando minhas opiniões
Não se encaixavam nas normas sociais
Eu queria questionar,
Eles queriam aceitar
Eu queria mudar,
Eles queriam o mesmo
Eu sempre fui diferente
E é isso que me torna único e especial
Eu sou livre para ser quem sou
E essa é a minha verdadeira liberdade.

5 AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao professor Astrogildo Fernandes, responsável pela disciplina “Educação, multiculturalismo e práticas educativas”, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU) e aos colegas que compartilharam dela conosco. Foi graças as discussões e as trocas realizadas entre nós ao longo do segundo semestre de 2022 que este texto foi pensado e gestado. Sem as ricas presenças vivas de todxs, esse artigo não seria o mesmo.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Sandra Nazaré Dias; LINHARES, Marcos Allan da Silva; SILVA, Lêda Valéria Alves. Problematizando a imposição de corpos femininos desejáveis nas histórias em quadrinhos da Turma da Mônica Jovem. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, v. 14, n. 1, 2021.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?: e outras interinvenções**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos, vol. 4. Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. **Revista Verve**, v. 5, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREITAS, Lilliane Miranda; CHAVES, Sílvia Nogueira. Desnaturalizando os gêneros: uma análise dos discursos biológicos. **Revista Ensaio**, v.15, n.3, 2013.

GIORGI, Gabriel. **Formas comuns**: animalidade, literatura, biopolítica. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2016.

GODOY, Leandro Pereira. **Ciências, vida & universo**: 8º ano: ensino fundamental: anos finais. São Paulo: FTD, 2018.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, v. 4, n.11, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer – uma política pós-identitária para a educação. **Revista de Estudos Feministas**, v.2, ano.9, 2001.

OLIVEIRA, Albaneide Cavalcante. **O que é ambiente hoje? Quando a imagem é enunciado**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemáticas) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

ROLNIK, Suely. A multiplicação da subjetividade. **Folha de São Paulo**, São Paulo, edição especial, 1996. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/5/19/mais!/3.html#:~:text=Identidades%20pr%C3%AAt%2D%C3%A0%2Dporter%2C,for%C3%A7as%20um%20pouco%20mais%20fortes>. Acesso em: 09 maio. 2023.

SARRAF, Daniele Corrêa; BASTOS, Sandra Nazaré Dias. Magra e feliz: lições de beleza da revista sou mais eu! In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO, 7.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO, 4., 2017. **Anais [...]** Rio Grande do Sul, Canoas, 2017.

Submetido em: 15 de fevereiro de 2023.

Aprovado em: 09 de maio de 2023.